

AJ 04815

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

VIVA VITÓRIA...

Pesquisa de Paulo De Paula

Das mais interessantes colaborações para os festejos da cidade, sem dúvida, é a atual exposição de fotos de Vitória de ontem e hoje, à mostra no calçadão ao lado do Teatro Carlos Gomes, até o dia 10, elaborada pela Fundação Jones dos Santos Neves.

Tradicionalmente celebra-se como data da fundação da Cidade de Vitória o dia oito de setembro de 1551, dia de Nossa Senhora, em que os portugueses alcançaram a grande vitória sobre os índios. Esta data marca a decisão da Vila em continuar como uma entidade luso-brasileira, em ilha doada por Vasco Fernandes Coutinho a Duarte de Lemos.

“Das primeiras décadas, deve-se ressaltar o trabalho dos franciscanos, cujo Convento tem ruínas tombadas (mas não conservadas) no morro do mesmo nome, onde se situa o Arcebispado e a Rádio Capixaba” e, segundo Serafim Leite, “os jesuítas, que fizeram seu Colégio em terras doadas por Duarte Lemos”. O Colégio dos Jesuítas transformou-se, com o tempo, no atual Palácio do Governo.

Ainda dos primeiros tempos é a Santa Casa de Misericórdia, que, em 1605 foi comparada à de Lisboa por El-Rei Felipe II.

A ameaça dos índios, que parecia superada desde 1551, prossegue até o século XIX, enquanto entre 1558 e 1562 os franceses fazem incursões à ilha, seguidos pelos holandeses, em 1625 e 1640. Já, em 1692 são piratas ingleses, liderados por Cavendish que tentam a posse da ilha.

“Em meados do século passado, com a efetiva colonização do interior, pelo plantio do café e vinda de imigrantes, principalmente italianos e alemães, a cidade começa a crescer e a província tem a honra de receber, em 1860, durante duas semanas, a visita de D. Pedro II” que “olhou tudo com olhos de ver: repartições públicas, igrejas, colônias e, face a sua predileção, principalmente as escolas”.

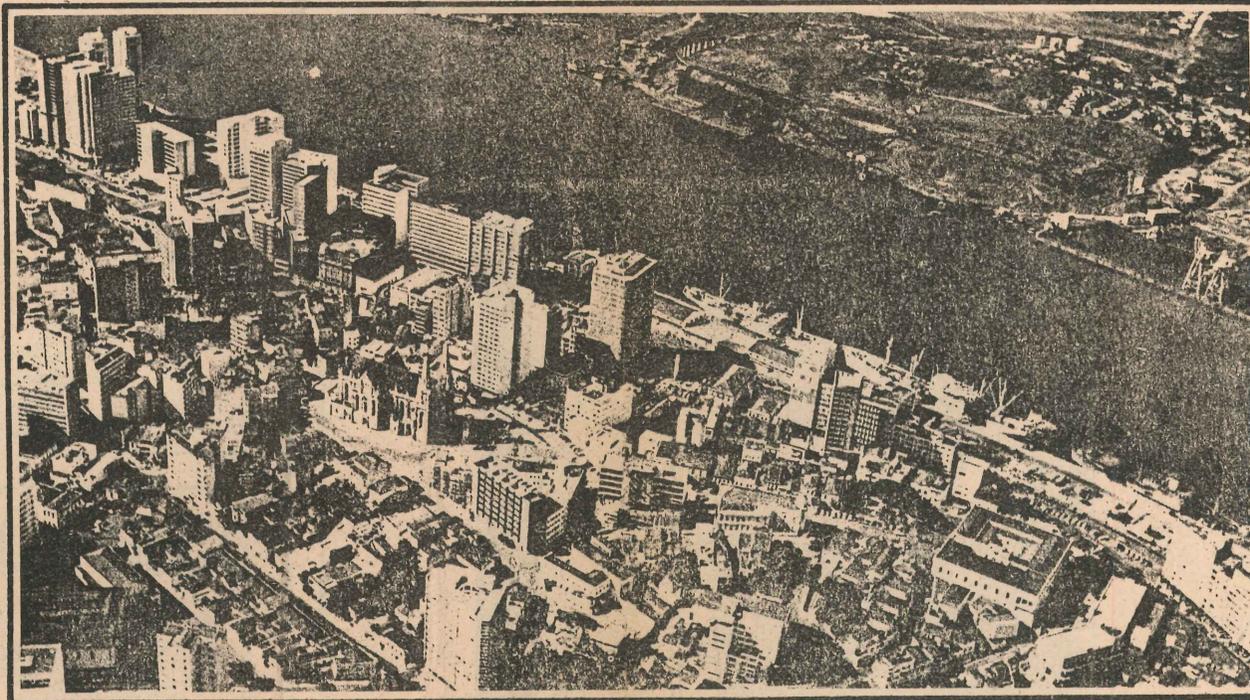
No século XX a cidade ganhou recursos modernos, como água encanada, luz elétrica, esgotos e bondes elétricos, embora tais recursos se limitassem ao perímetro compreendido na sua área entre o Parque Moscoso e a Capixaba.

Se essas modernas conveniências à vida capixaba apresentadas durante a administração de Jerônimo Monteiro vieram amenizar as dificuldades encontradas na terra, o governo de Florentino Avidos chegou a criar um Serviço de Melhoramentos de Vitória, e durante sua gestão (1924 - 1928) construiu-se a ponte que liga Vitória ao continente, além de se abrir a avenida Capixaba, que se transformou num centro comercial.

Durante o governo de Jones dos Santos Neves a cidade começa sua definitiva explosão demográfica: “A expansão da Companhia Vale do Rio Doce e a erradicação de cafeeiros traria para a Capital uma massa populacional adulta que forçaria a construção civil, as invasões de terrenos e os loteamentos numa extensão que ultrapassa, e muito, a área limitada da ilha de Vitória.

Hoje, a Grande Vitória abrange a Serra, Cariacica, Viana e Vila Velha. Os problemas da grande metrópole chegaram e as soluções para esse crescimento populacional e de trânsito são urgentes.

O arquiteto César Romano, com seu plano de urbanização humanística para a ilha de Vitória, talvez pudesse nos devolver a “Cidade Presépio” que aqui pensamos existir.



Vitória era assim

Há cem anos atrás, a capital da província do Espírito Santo, muito embora já gozasse dos foros de cidade, não passava de um povoado cuja resistência aos hábitos e tradições coloniais entravava o progresso. Sua população pouco excedia a cifra de cinco mil habitantes, vivendo a maioria com o produto da pesca e avassalada pelo marasmo e a indolência.

Sem obedecer a qualquer regularidade ou simetria, Vitória se apertava em anfiteatro, à margem de plácida baía, ruazinhas estreitas, tortuosas, escorregadias, procurando o paralelismo da praia, ou subindo as rampas do morro desbeçado pelas enxurradas e enfeitado pelas ramas de melões de São Caetano, perdendo-se em becos ou vielas ladeirosas e labirínticas.

Ruas ou ruelas, algumas apertadíssimas, tomadas pelo vicejante capim-pé-de-galinha, calçadas ou não, com pedras disformes, como a Ladeira do Pelourinho, ao longo da qual não passavam três homens em linha de frente, famosa por nela ter morado, outrora em um sobrado, a heroína Maria Ortiz, que fizera recuar os holandeses, jogando sobre eles água fervente. Ruas dos Pescadores, da Capelinha, do Comércio, do Porto dos Padres, de Santa Luzia, da Fonte Grande, Ladeira de Pernam-

buco, Largo da Conceição, Pelame e a pitoresca e modesta rua da Várzea. Na rua das Flores, outro vulto da história capixaba, o herói Domingos Martins, cabeça da Revolução Nativista Pernambucana de 1817, vivera parte de sua infância. Ah! eu já ia me esquecendo da rua do Ouvidor, antiga rua da Praia, que, nem ao longe, pelo aspecto modesto, podia fazer lembrar a sua homônima da Corte, e a rua do Piolho...

As casas, em grande parte assobradadas, algumas com janelas de vidraças em cores, balcões de madeira e portais de pedra, entalhados em Portugal, trazidos como lastro dos navios, casas ou choupanas, cabriteavam em desordem e encontra, repousadas em esteios suplementares, em estacas, ou sobre velhas bases de alvenaria.

Nos telhados limosos, telhas em canoas, e nos seus beirais, chilreavam as cambaxirras, revolteavam as andorinhas, cresciam plantas audaciosas, adubadas pelos urubus (os mais eficientes “funcionários” da Limpeza Pública), que se postavam a cavaleiro, no convexo das cumeeiras, abrindo as asas para se requentar ao sol.

De acordo com Euripedes Queiroz do Valle, a palavra capixaba deriva de um arrabalde de Vitória, e que primitivamente a expressão significava o habitante desse arrabalde, vindo depois a estender-se a todo habitante de Vitória. As opiniões dos estudiosos do assunto, variam sobre a origem desse vocábulo. Para o tupinólogo Fortunato Ribeiro a expressão correta é Capixaba, pois deriva de copi, que significa capinar, roçar, limpar, sendo a palavra capixaba então o sentido de “roçado”.

Bernardino de Souza, porém, dá como significado “sitio onde se plantavam as primeiras roças de milho e feijão na Ilha de Vitória”, enquanto Elpidio Pimentel, por sua vez, explica que o topônimo capixaba

significa, em versão portuguesa, “lavrador, agricultor”.

O engenheiro Francisco Antônio de Athayde assegura que “o vocábulo tem o valor semântico de ‘lavoura de milho em plena floração’, e aponta o lugar onde se cultivava esse milho entre o atual Forte de São João e a Ladeira Pernambuco”, área que ficou conhecida como o Bairro Capixaba”.

Não importa que explicação seja dada pelos tupinólogos chega-se apenas à conclusão que, de fato, a palavra nos reporta à agricultura, que foi a base da fundação de Vitória.

Hoje, o termo capixaba passou a significar não só o habitante da ilha de Vitória, como todo o espiroto santense.

Capixaba? O que é isso?